



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA A COR DA CULTURA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

VANISE DE OLIVEIRA GONDIM

PRÁTICAS RACISTAS EM SALA DE AULA: OCORRÊNCIAS E
PROPOSTAS DE SUPERAÇÃO

GUARABIRA – PB

2015

VANISE DE OLIVEIRA GONDIM

**PRÁTICAS RACISTAS EM SALA DE AULA: OCORRÊNCIAS E
PROPOSTAS DE SUPERAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação, Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB sob a Orientação da Prof^a Dra. Ivonildes da Silva Fonseca como requisito à obtenção do Título de Especialista.

GUARABIRA – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G637 Gondim, Vanise de Oliveira
Práticas racistas em sala de aula: [manuscrito] : ocorrências e propostas de superação / Vanise De Oliveira Gondim. - 2015.
38 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Étnico Racial na Educação Infantil EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Ivonildes da Silva Fonseca, Educação".

1. Racismo na escola. 2. Infância-racismo. 3. Racismo. I.
Título.

21. ed. CDD 326

VANISE DE OLIVEIRA GONDIM

**PRÁTICAS RACISTAS EM SALA DE AULA: OCORRÊNCIAS E PROPOSTAS
DE SUPERAÇÃO.**

Aprovado em 14/11/2015

BANCA EXAMINADORA

Ivonildes da Silva Fonseca

Profª Dra. Ivonildes da Silva Fonseca
(Orientadora)

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Profª Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Paula Maria Fernandes da Silva

Profª Ms. Paula Maria Fernandes da Silva

GUARABIRA – PB

2015

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me permitiu chegar até aqui. À minha mãe Marly Virgínia pela motivação e reconhecimento da minha capacidade, ao meu amado pai “in memoriam” Antônio Gondim que tanto sonhou em me ver com um título de Especialista.

Ao meu companheiro Jorge que sempre esteve ao meu lado nos momentos em que pensei desistir.

Agradeço à minha Orientadora Prof^a. Dr^a. Ivonildes Fonseca pela seriedade, compromisso, atenção e condução deste trabalho, que sem ela eu não teria êxito para a produção e conclusão do mesmo.

Aos professores e professoras do Curso de Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil que contribuíram significativamente para a construção do mesmo através dos diálogos e debates coletivos.

Por fim, agradeço ao meu próprio “Eu” pela determinação e autocrítica diante das dificuldades em produzir este trabalho e do prazer de vê-lo concluído.

Dedico à todas e todos que acreditam no poder modificador da Educação, uma educação igualitária que atenda as diversidades raciais, sociais, culturais, religiosas e de gênero.

“Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar”.

(Paulo Freire)

RESUMO

Esta monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso é fruto de uma pesquisa bibliográfica e de observações em salas de aulas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, espaços das minhas vivências enquanto professora. Após diversas observações de episódios racistas no ambiente educativo, pude constatar a sua ocorrência reiterada, apesar da temática étnico-racial está sendo trabalhada por alguns professores e professoras nos componentes curriculares. Diante do que convivi, ficou fortalecida a motivação para a abordagem da temática. Assim, a pesquisa teve natureza qualitativa e a desenvolvemos utilizando as técnicas de observação orientadas por leituras específicas a exemplo de Andrade (2001); publicações oficiais do Ministério da Educação (2004); Cavalleiro (2001) e Cruz (1989). Com esta pesquisa, deixo a minha afirmação sobre o conhecimento insuficiente da Lei 10.639/03 que instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira no currículo escolar das instituições públicas e privadas.

Palavras-Chave: Racismo na escola, Infância-racismo, Racismo-Propostas de superação.

ABSTRACT

This monograph presented as course conclusion work is the result of a literature review and observations in Early Childhood Education classrooms and elementary school, spaces of my experiences as a teacher. After several observations of racist episodes in the educational environment, I could see their repeated occurrence, despite the ethnic-racial theme is being worked by some teachers and teachers in curriculum components. Given what I lived, it was strengthened motivation for discussing the issue. So the research was qualitative in nature and developed using observation techniques guided by specific readings sample Andrade (2001); official publications of the Ministry of Education (2004); Cavalleiro (2001) and Cross (1989). With this research, I leave my statement about the insufficient knowledge of the Law 10.639 / 03 establishing the mandatory teaching of African history and african-Brazilian culture in the curriculum of public and private institutions.

Keywords: Racism in school, Childhood-racism, Racism-Proposals to overcome.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. A LEI 10.639/03.....	11
2.1 As contribuições da Lei Federal Nº 10.639/2003 na Educação Brasileira.....	11
2.2 Como ocorrem as práticas racistas em sala de aula na sociedade contemporânea.....	14
3. DESCONSTRUIR O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL.....	19
3.1 Os estereótipos presentes nos livros didáticos, na literatura infanto- juvenil e na mídia que estigmatizam a criança negra.....	21
3.2. Propostas de superação às práticas racistas em sala de aula nos anos iniciais da educação.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Vivemos numa das sociedades mais injustas do mundo onde as desigualdades sociais existentes no nosso meio construídas ao longo do processo histórico, político e cultural quase sempre estão relacionadas ao racismo exacerbado que emprega a pseudo concepção de superioridade entre grupos humanos, o que vem afetando diretamente a população negra. Essas desigualdades são frutos de uma estrutura racista, somada à exclusão social e socioeconômica que atinge as crianças negras em idade escolar, principalmente nos anos iniciais.

No Brasil, o racismo é um tema que necessita ser discutido constantemente no âmbito educativo e nos demais recintos da sociedade, pois a sua prática, vem ocorrendo diariamente, seja de forma camuflada ou direta fazendo dezenas de vítimas. Nas salas de aula onde a temática não vem sendo ainda trabalhada por professores e professoras, as práticas racistas entre alunas e alunos, infelizmente ocorrem, resultando em aversões às crianças de cor escura ou àquelas que se intitulam de negras.

O tema “Práticas racistas em sala de aula: Ocorrências e propostas de superação” despertou em mim interesse de pesquisa num momento em que realizava visitas de observações em escolas do Ensino Fundamental I e na minha própria vivência em sala de aula enquanto professora e cursista na Pós Graduação em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil. Em minha sala de aula durante as minhas práticas educativas, como também, em outras salas de aulas da mesma instituição, pude presenciar práticas de racismo dos/as alunos/as ditos “brancos” contra os/as alunos/as de cor negra. Percebi que as crianças que sofriam com tais discriminações eram sempre as mais quietas e aparentemente medrosas, não esboçando defesa verbal e nem participando dos grupos de brincadeiras, ficando sempre às margens das relações sociais constituídas na própria escola.

Procurei identificar as crianças negras através de suas características físicas, cor da pele, o modo como se vestiam, os cabelos crespos, outros encaracolados, e principalmente, pelas atitudes racistas dos/as coleguinhas para com as mesmas.

Para a realização deste trabalho desenvolvemos pesquisas bibliográficas a partir de autores que discorrem sobre o tema e coletamos dados empíricos por meio de observações

registradas durante as aulas, procurando evidenciar os principais pontos de relevância que implicam na existência do racismo.

O presente trabalho tem como principal objetivo relevar a existência do racismo contra crianças negras em sala de aula. Os objetivos específicos são: Apresentar meios de superação e combate do racismo de acordo com o que diz (CRUZ, 1989; BRASIL Ministério da Educação e Cultura, 2004) sobre a temática e assim contribuir positivamente com sugestões que elevem a auto estima da criança negra.

Pretendo com este trabalho aprofundar ainda mais o meu estudo sobre o tema, partindo da perspectiva de que seja qual for a forma do racismo contra a pessoa negra e como o mesmo se manifesta, essa prática deve e precisa ser evitada já nas primeiras fases educacionais da vida da criança, momento em que a sua personalidade está sendo formada, impedindo assim que a criança negra fique submetida aos sofrimentos e cicatrizes provocados pelo racismo.

Abordamos também as conseqüências negativas que o imaginário branco traz para o universo infantil mediante atitudes que causam desmotivações, incapacidades, baixa estima, inferioridade cultural nas crianças negras, que de certa forma têm o seu processo de aprendizagem prejudicado, visto que, é nessa fase que a criança absorve os comportamentos e as diversas situações que as pessoas fazem ou falam e acabam introjetando em suas mentes informações equivocadas que mais tarde poderão causar danos irreparáveis quanto ao reconhecimento de sua identidade e origem étnico-racial.

Contemplamos também questões voltadas à Democracia Racial, uma ideologia que muitos ainda pregam em nosso país. Nesse sentido discorreremos sobre os estereótipos presentes na mídia e em alguns clássicos da Literatura Infanto-Juvenil que não ou pouco enaltecem os (as) personagens negros (as) em seus roteiros. E, finalmente, falamos sobre algumas estratégias ou propostas de como superar as práticas racistas em sala de aula, valorizando os costumes e culturas Afro-Brasileiras. Culturas essas que podemos observar no modo de se vestir das crianças negras, as diferentes e belas maneiras de arrumar os cabelos, os adereços como os brincos e colares que dão um contraste de beleza e relevância às suas origens.

2. A LEI 10.639/03

2. 1 AS CONTRIBUIÇÕES DA LEI FEDERAL Nº 10.639/2003 NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

O Brasil que politicamente já foi Colônia, Império e atualmente República, ao longo da sua história manteve o povo negro às margens das dimensões políticas, sociais, econômicas e, sobretudo, educacionais.

No Brasil Império houve dois Decretos, o de nº 1.331, de 17/02/1854 e o de nº 7.031-A, de 06/09/1878 que mostram a restrição ao acesso à educação das pessoas negras. O Decreto 1.331, “estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores”. Já o Decreto 7.031-A, “estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares.” (BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, 2004, p. 7).

Pode-se ver a tamanha injustiça que foi cometida pelos poderosos da época, afirmando explicitamente em documentos oficiais que nas escolas públicas do país não seriam admitidas pessoas escravizadas. Como vemos, a falta de interesse por parte dos governantes em criar e desenvolver políticas públicas e viáveis de incentivo a cultura negra e o seu acesso à educação é algo que existe há séculos na nossa sociedade capitalista com os seus padrões de superioridade.

A população brasileira, em especial, a parte da sociedade branca ou aquela que se intitula de branca, introjetou em suas mentes um padrão cultural com referências eurocêntricas mantendo em seu imaginário a pretensa superioridade de raças, ou seja, os indivíduos que têm a pele, cabelos lisos e olhos claros são pertencentes a elite hierárquica, enquanto os negros são os subordinados e excluídos devendo permanecer nesta posição de menosprezo e inferioridade racial, como se as pessoas negras não fossem capazes de evoluir em seus aspectos socioeconômicos, políticos e culturais.

Essa ideologia racista vem sendo incorporada e transmitida pelas crianças não negras, consequências dos atos dos adultos ao desenvolver práticas de racismo na presença dos filhos que estão em constante processo de aquisição de conhecimento. E tudo que é visto ou ouvido

pelas crianças, geralmente, elas reproduzem e acabam agindo de forma semelhante ao adulto racista no convívio com pessoas negras. Tais conseqüências implicam também no posicionamento não só dos pais, mas em toda estrutura educacional que muitas vezes os seus profissionais que ali desempenham suas atividades, ainda não estão preparados para combater essas práticas.

Voltando à questão da educação, a luta do povo negro para ter acesso e permanência nas escolas foi marcada por práticas de preconceito, racismo e discriminação aos afrodescendentes. Muitas crianças negras ficaram impedidas de usufruir o direito ao ensino, ficando alheia a instrução escolar devido a não existência de políticas públicas para combater tal racismo. Foram poucas as pessoas comprometidas com a causa que se mobilizaram para mudar essa injustiça no intuito de encontrar soluções para inserir a criança negra no espaço educativo de forma constitucional, através da efetivação da matrícula nas escolas públicas municipais e estaduais.

Aos olhos de muitos indivíduos não negros e alto poder socioeconômico, o (a) negro (a) não precisa ser instruído (a), porque são aversos ao conhecimento, as boas maneiras, são rebeldes e incapazes de constituírem cidadania. Ou seja, as pessoas negras não conhecem e nem entendem os princípios éticos, como humanos não sabem se comportar. É uma falsa imagem do povo negro perpassada de geração a geração pelo sistema capitalista, opressor e degradante que vivemos.

No tocante a esfera educacional, uma das conquistas mais recentes da população negra foi a implantação da Lei Federal nº 10.639/03, sancionada pelo Presidente, na época, Luís Inácio Lula da Silva. Esta lei altera a Lei nº 9.394/96 a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação).

A Lei 10.639/03 institui a obrigatoriedade do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira no currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio nas escolas privadas e públicas do Brasil. Além desta lei, o governo criou também no mesmo ano (2003), a SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial). Essa decisão resgata historicamente a presença dos (as) negros (as) na construção da sociedade e identidade brasileira. (BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, 2004, p.8).

Atitudes como estas de criar políticas que promovam a inserção da história da pessoa negra no espaço educativo, favorecem o seu reconhecimento como pessoa e cidadã

representante de uma população que nunca desistiu de lutar por melhorias e por acesso a um ensino de qualidade, um direito que lhe foi negado por muito tempo. Por outro lado, ocasionará para a população não negra, o conhecimento de uma história que também é sua e também do respeito pelo colega, pelo amigo/a, por quem convive em sociedade.

A realidade vivenciada pelas crianças tanto negras e não negras em sala de aula, não mostra como deveria a riqueza que existe na história dos afros descendentes, ou seja, a nossa história como um todo. E, com a obrigatoriedade do ensino da história a África, todas as crianças poderão ter acesso a um vasto conhecimento referente às manifestações de um povo que esteve e está presente no processo histórico brasileiro, possibilitando o resgate de seus valores e suas tradições num direcionamento igualitário, partindo da perspectiva de que todos nós somos iguais, enquanto seres sociais e humanos e somos diferentes nos aspectos antropológicos, que envolvem a personalidade, a religião, a cultura, os gostos, costumes e outros aspectos subjetivos.

As ações positivas em prol do combate do racismo sempre serão uma conquista a mais para quem sofreu e ainda sofre com tamanha discriminação racial, como a que ocorre no Brasil. Considerando que essas ações sejam praticadas de maneira a reconhecer sempre a cultura e a identidade da população negra, as pessoas precisam despertar em si atitudes afirmativas em relação às questões étnico-raciais, pois partindo desse despertar, é que pode-se construir uma nação democrática em que todos, igualmente, tenham seus direitos como à Educação, Saúde, Segurança, Moradia, Alimentação entre tantos outros garantidos pela constituição e sua cultura valorizada independente a que meio social pertença.

A Lei 10.639/03 e os subsídios teóricos da Secretaria Especial para a Promoção da Igualdade Racial-SEPPIR só vieram contribuir para a abertura da ascensão da gente negra ao longo do período histórico brasileiro, cabendo aos profissionais das instituições escolares e afins tomarem conhecimento de sua existência e aplicá-la em sala de aula, integrando-a no contexto educativo enaltecendo o negro e sua história de lutas e conquistas, devendo em todas as ocasiões ser evidenciadas para que as crianças negras sintam-se valorizadas e as não negras possam ter acesso a verdadeira história da população negra.

As professoras, professores e gestores, como também, os profissionais do setor administrativo das escolas devem ter conhecimento da existência e devem atuar para que haja aplicabilidade da lei 10.639/03 de forma a contribuir positivamente para a sua real efetivação nas salas de aulas. Quando os profissionais da escola trabalham em coletividade há mais

objetivos concretizados. Dessa forma todos aprendem juntos a conhecer, valorizar e respeitar as diversidades. E é na escola, principalmente nos anos iniciais, que as crianças necessitam de uma referência de pertencimento racial e quanto mais essas crianças conviverem com pessoas que não comungam com a prática do racismo, mas se tornarão adultos responsáveis e tolerantes para com as diferenças do seu próximo.

2.2 COMO OCORREM AS PRÁTICAS RACISTAS EM SALA DE AULA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

Muito se fala em racismo e discriminação racial, mas afinal o que viria a ser o real significado destes termos? Dentre as várias definições Cruz (1989, p.20) oferece:

O racismo é a manifestação em ato ou em comportamento do preconceito racial, implicando no exercício do poder contra os grupos raciais considerados injustamente inferiores. Tendo como consequências: a discriminação, a segregação, a perseguição física e moral, a sonegação de direitos e o genocídio.

Acerca da discriminação Sant'ana (2005, p. 63) explica que:

Discriminação racial significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha como objetivo ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou exercício, em condições de igualdade, os direitos humanos, e liberdades fundamentais no domínio político, social ou cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública.

Como vemos, o significado da palavra racismo é bem profundo e nos faz pensar e refletir do quanto sua prática é maléfica e destruidora da auto estima de crianças, adolescentes, jovens e adultos. A prática do racismo está sendo permanente nos ambientes sociais frequentados por pessoas negras e não negras causando marcas profundas, destruindo os seus sonhos e suas vidas.

As manifestações em ato ou comportamento que o autor relata são desencadeadas, em sua maioria no ambiente escolar, os (as) alunos (as) no qual os afrodescendentes vêm sofrendo racismo por ter a cor da pele com muita melanina e os cabelos crespos, além de

outros traços físicos marcantes (nariz largo, lábios carnudos etc) que por vezes tornam-se popularmente falando um “prato cheio” para a expressão de apelidos maldosos por partes dos colegas ditos não negros. Essas práticas acabam por colocar e expor as crianças negras, como também os adultos, em situações de constrangimento, os estigmatizando e excluindo dos círculos sociais. Não podemos deixar que essas abusivas práticas racistas se reproduzam no espaço escolar, é nosso dever enquanto professoras e professores combatê-las, promovendo a inclusão de todos neste espaço de transmissão, troca, produção e reprodução de conhecimentos

A sociedade ocidental há séculos estabeleceu padrões normativos de que as pessoas de pele branca são superiores construindo a noção de perfeição e hierarquia racial entre indivíduos. Isso afeta negativamente a estrutura mental da criança negra que sente-se menosprezada. Essas idéias de superioridade de grupos humanos e conseqüentemente de perfeição estão presentes nas escolas e nos seus instrumentos principalmente nos contos infantis.

A escola orientada por essas idéias a torna limitada e exclui as crianças negras provocando nas mesmas a dificuldade de reconhecimento como negra ocultando a existência de suas origens. O preconceito e a discriminação racial afetam o processo de desenvolvimento dos (as) alunos (as) no cotidiano escolar seja psicologicamente ou no que se refere aos aspectos da aprendizagem.

O ambiente escolar deve oferecer acolhimento para todas as crianças, inclusive as negras que são vítimas de racismo, embora nem todos os profissionais saibam lidar com esta situação. As ações precisam ser tomadas imediatamente antes que as crianças projetem em suas mentes que são inferiores. É neste momento que devemos lançar mão a história do povo negro e suas contribuições até os dias atuais na sociedade.

O racismo existe exacerbadamente no âmbito escolar, espaço esse que deveria combater de forma mais efetiva essas práticas por meio da conscientização da miscigenação racial, desmistificando essa inconsistente idéia do não negro ser superior em todas as dimensões. O povo negro foram e são guerreiros até hoje, portanto, a educação tem que contemplar positivamente os aspectos da diversidade racial abordando questões de conscientização e valorização da identidade negra.

Qual criança negra terá um bom desempenho se constantemente sofre com o racismo, não participa das encenações teatrais ocupando personagens de destaque das clássicas historinhas ou simplesmente convive ouvindo no cotidiano da escola e das relações sociais que ser não negro é ser belo, perfeito, é ser inteligente e o inverso é o povo negro? Ou ainda quando vai assistir a um vídeo de histórias infantis da literatura brasileira sugerido e muitas vezes imposto pelos professores, não condiz em nada com suas origens?

Nessa linha a constatação de Cavalleiro (2001, p.145) é fundamental: “Dessa maneira, o espaço escolar reproduz o modelo de beleza branca/europeia predominante nos meios de comunicação e na vida social”.

Os elementos pertinentes ao racismo no processo de aprendizagem da criança, a leva ao isolamento no desenvolver das atividades em sala de aula. Promover um trabalho com metodologias adequadas a todas as crianças quanto às questões de cunho étnico-racial deve partir de pressupostos que evidenciem atividades referentes a sua cor, cultura e origem racial, de forma que possa combater práticas e comportamentos discriminatórios nesse espaço de aprendizagem mútua. Precisamos inibir todos os obstáculos para conseguirmos a igualdade e o respeito às diferenças.

Alguns professores e professoras demonstram comodismo, falta de atitude e de reconhecimento a situações de desvalorização das diferenças e não esboçam esforço para contornar tais práticas. Nossas atitudes enquanto educadores são de grande importância quando se trata da formação de nossas crianças em idade escolar, o que falamos ou fazemos em sala de aula tem um grande peso, por isso, temos que saber tratar das questões raciais positivamente. A sala de aula como todo o espaço estrutural da escola é onde ocorrem as brincadeiras, os círculos de diálogos e tantas outras atividades interativas e é nesse contexto que as práticas racistas estão disseminando, sejam elas de formas diretas ou camufladas entre crianças e adultos da própria instituição.

A diversidade racial está presente na conjuntura educativa basta olharmos para os lados que veremos a mistura de cores, cabelos, traços faciais, vestimentas, adornos dentre tantas outras maravilhas da nossa cultura afro brasileira presentes na nossa vida. A criança negra que traz consigo valores culturais, que aprendeu no seio familiar a afirmação, a valorização, a aceitação e conhecimento real da história de seu povo até os dias atuais tem mais facilidade de combater as ofensas racistas, diferente daquela que convive ouvindo de seus próprios familiares que também sofreram e sofrem com a discriminação racial, palavras

do tipo que negro não é gente, que negro deve ficar calado quando um não negro fala. São valores negativos transmitidos pela família, sociedade, escola, igreja etc. Isso faz com que a criança negra se sinta impedida de participar das interações sociais, querendo ou não é uma forma cruel de exclusão dessa vigente sociedade capitalista predominante que dita como as pessoas devem ser, se comportar, como se vestir.

Comportamentos racistas ocorrem com frequência no espaço educativo, cabe aos professores, professoras e a equipe pedagógica/técnica sempre intervir e lutar em coletividade para que tais episódios possam ser evitados e quem sabe até exterminados, mesmo que seja um processo lento, mas que conscientizem os pequeninos sobre os males que causam as práticas racista na vida das pessoas. Se vivemos num país democrático, embora tenha seus problemas sociais, econômicos e políticos precisamos viver respeitando o ser humano em todas as suas especificidades.

Faz parte do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. (FREIRE, 1996, P.36).

Partindo desse pressuposto, o nosso pensamento enquanto professor ou professora é o de que somos medidores do conhecimento, e assim a nossa atitude é a de rejeitar, impedir e coibir veementemente qualquer prática de discriminação e preconceito racial no contexto escolar. Dessa forma estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária no que se refere a diversidade étnico-racial.

Cada cidadão e cidadã brasileiros no decorrer da história até a atualidade tem sua grande ou pequena dívida para com a população negra que foi tão menosprezada lhe impondo castigos físicos, psicológicos, morais e sociais.

As consequências das práticas racistas contribuem negativamente na e para a formação das crianças negras, o seu não reconhecimento racial e a exclusão que a perseguem devido a sua cor de pele ou o seu cabelo crespo. Infelizmente, muitas crianças negras em sala de aula estão tornando-se alvo de chacota. As crianças não negras, em sua maioria, trazem consigo o que os adultos expressam de forma preconceituosa e acabam inocentemente praticando o racismo seja por meio de apelidos pejorativos, violência verbal e até física no caso dos pré-adolescentes e segregação da criança negra nos espaços sociais.

A nossa sociedade contemporânea ainda não compreendeu que o Brasil foi e continua sendo formado pela mistura de povos, cultura, costumes, tradições. Somos a diversidade em massa, não há singularidade em questão de cor, mas sim a pluralidade.

Nossas crianças não precisam se envergonhar de seus cabelos crespos muito menos de seus lindos traços faciais tão marcantes, a ponto de se isolarem do convívio social e educativo. Quando a prática racista ocorrer na presença de um adulto, este deve agir de imediato propondo a todos uma discussão acerca do ocorrido, trazendo para o diálogo o valor e o nosso pertencimento afro brasileiro. Ver a prática racista ocorrer e não fazer nada é o mesmo que contribuir para a sua propagação. É comum associarmos à escola a um espaço sócio-cultural, portanto, a mesma deve e necessita acolher, intervir e, sobretudo, proporcionar debates amplos a pluralidade cultural. É inaceitável e injusto uma equipe escolar silenciar-se diante de práticas racistas, esta tem que tomar posicionamentos diante do fato e colocar o problema às claras para a família dos envolvidos, e juntos, trabalhar para o combate do racismo.

A criança negra que sofre com práticas racistas se sente solitária, triste, abalada, e confusa, pois não é fácil ter que conviver sendo tratada e retratada com inferioridade pelo sistema capitalista opressor que lhes nega direitos e as ofende injustamente por ter a cor da pele com mais melanina que outra criança. Isso causa muito sofrimento e cicatrizes que nunca saram. Dessa forma a criança negra viverá sempre com baixa estima e numa busca diária por reconhecimento identitário quando adulta for. O tipo de cor da pele influi muito na nossa sociedade que não valoriza as características da população negra. As crianças negras desde muito cedo, pressionadas pelo padrão de beleza dos não negros, estão descaracterizando os seus cabelos naturais para serem aceitas nos círculos de amizades. Infelizmente, a estética negra não é tão valorizada o quanto deveria ser pela sociedade.

3. DESCONSTRUIR O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Sabemos que no Brasil falar da existência do racismo é um assunto que gera controvérsias devido a sua grande complexidade. Da mesma forma que se afirma a sua negação, o racismo existe e mantém-se presente no sistema de valores que influencia na conduta da sociedade capitalista. É muito comum ouvirmos as pessoas falarem que não são racistas, que aceitam conviver num mesmo ambiente com pessoas negras sem demonstrar qualquer tipo de repúdio e sem relutância alguma no que diz respeito a sua cor e suas características físicas.

Mas o que estamos vendo nas relações sociais do dia a dia não é bem isso. O racismo contra a pessoa negra é tão grande que essa população sofre as ações racistas em diversos ambientes sociais. Quando as manifestações racistas ocorrem no seio familiar e educativo reforçam o fato de muitas crianças estarem precocemente agindo como adultas ao se comportarem com atitudes de rejeição aos colegas não negros/as.

A educação precisa exercer o seu papel frente ao combate as práticas racistas, partindo da idéia de uma educação que atenda as necessidades culturais dos (as) educandos (as) de maneira contextualizada abarcando todos os princípios de equidade étnico-racial. Diante desse desafio os (as) professores (as), pais, alunos (as) e demais profissionais das instituições escolares precisam se unir num só objetivo a ser alcançado. Primeiro se conscientizar das diversidades, aceitando o “outro” com suas diferenças físicas, culturais, sociais, econômicas, religiosas e políticas para conseqüentemente lançar mãos a subsídios e estratégias de impedir e coibir a propagação do racismo em sala de aula, espaço de aprendizagens e conhecimento das coisas e eventos do mundo.

É através da educação e conscientização das diferenças que pode-se reverter a atual situação da prática do racismo, que há muito predomina em sala de aula. No decorrer da infância e do desenvolvimento cognitivo, as crianças tendem a desenvolver as atitudes dos adultos para a sua formação de personalidade enquanto ser humano, até porque a criança nesta fase ainda não tem discernimento suficiente para selecionar as coisas boas que possam ser direcionadas para a vida, e geralmente, reproduzem os atos daqueles que as cercam. Uma das iniciativas que podem ser tomadas pelo coletivo das instituições escolares é compreender as

relações raciais que ocorrem no interior das escolas, isto já é um grande passo para combater comportamentos que envolvem ações racistas.

É necessário empregar nas escolas por meio de professores (as) capacitados (as) e conhecedores da diversidade étnica a importância do respeito às diferenças, proporcionando momentos de palestras e discussões acerca dos malefícios que o racismo causa na vida de uma pessoa, levando as crianças a entenderem que vivemos num país miscigenado, onde todos têm um pouco ou muito da herança africana, sejam elas físicas ou culturais.

Cabe, portanto, um olhar mais atento dos (as) professores (as) quanto à prática do racismo camuflado por parte das crianças vítimas dos reflexos racistas dos adultos, em sala de aula. Podemos ver essa ocorrência quando há encenações teatrais no espaço educativo envolvendo em sua maioria as crianças não negras. Ao colocarem uma criança negra para interpretar, geralmente esta desenvolve na encenação um papel de valor insignificante. Isto é uma forma de não declarar o racismo, mas sim de camuflá-lo.

Através das influências e determinismos dessa sociedade que ostenta a superioridade do “ser branco” muitas crianças negras não se reconhecem como afrodescendentes e acabam por anular as suas próprias origens. Situação afirmada por Cavalleiro (2001, p.145). “Acontecimentos como esses contribuem para um sentimento de recusa às características raciais do grupo e fortalece o desejo de pertencer ao grupo branco”.

Será que estamos equivocados ao falarmos que no Brasil existe uma Democracia Racial? Uma vez que a democracia racial define o Brasil como um país em que todas as pessoas vivem em harmonia e sem conflitos.

Segundo Florestan Fernandes (1989, p.17) a idéia de democracia racial [...] “expressa algo muito claro: um meio de evasão dos estratos dominantes de uma classe social diante de obrigações e responsabilidades intransferíveis e inarredáveis. Daí a necessidade do mito” [...].

Se realmente existisse essa tal democracia racial que tantos insistem em afirmá-la, não haveria tantas crianças negras incorporando uma cultura não condizente com a sua, devido ser vítima de práticas racistas cometidas por parte da população que se intitula de branca. Também não existiriam cotas para negros ter acesso ao Ensino Superior, não haveria tantos não a uma vaga de emprego onde a maioria ou todos os funcionários são de cor clara, como também não haveria a necessidade de criar leis obrigando a inserção da História da África e da cultura afro- brasileira no currículo escolar.

Não haveria ainda, os movimentos do povo negro que saem as ruas reivindicando por criação e efetivação de políticas públicas viáveis e seus direitos como cidadãos e sua inserção nos seguimentos sociais. Os movimentos existem e estão ganhando mais força para lutar contra as desigualdades, a violência e a opressão.

As desigualdades entre negros e não negros são visíveis, elas estão em todos os aspectos da esfera social a começar pela saúde, onde o atendimento é diferenciado para quem tem a cor clara, as poucas oportunidades de uma vaga de emprego, a mortalidade, principalmente de jovens e a renda salarial que é muito abaixo da renda de um indivíduo de cor “branca”.

É tarefa também dos profissionais da educação explicar o real significado dos movimentos da população negra aos educandos e educandas. Evidenciar sempre os objetivos dessas manifestações de forma positiva para que aquela criança negra que esteja em sala de aula se sinta reconhecida e valorizada enquanto descendente afro. Deixando claro que os movimentos negros existem porque a nossa sociedade é racista, e estes movimentos, buscam o combate ao preconceito racial resgatando a história verdadeira de um povo que batalhou por melhores e iguais condições de vida e por sua liberdade. Liberdade esta que lhes foi tirada, os impedindo ao acesso à educação e ao ensino.

Com tantos entraves contra o povo negro fica difícil acreditarmos em democracia racial. Como negar que a sociedade que se diz branca não rejeita os princípios de dignidade e valores da cultura negra?

3.1 OS ESTEREÓTIPOS PRESENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS, NA LITERATURA INFANTO- JUVENIL E NA MÍDIA QUE ESTIGMATIZAM A CRIANÇA NEGRA.

Quando folheava (folheio) os livros de História e Geografia sempre encontrava e encontro as imagens de pessoas negras nas piores condições de desigualdade social. O homem negro sendo retratado como escravo, ou melhor, escravizado enaltecendo e explicitando apenas a sua força física e por vezes, sendo chicoteado e acorrentado, formas de castigo físico pelos senhores capitalistas da época escravista. As mulheres negras retratadas sempre como as criadas ou mucamas como era denominado e exploradas pelas “damas” dos senhores elitistas. Os (as) pequeninos (as), filhos e filhas de escravizados (as) aparecem de pés descalços, roupas velhas e rasgadas alimentando- se de sobras e o pior de tudo sem frequentar a escola.

Qual é a criança negra que ao ver essas imagens que trata da história de seu povo de forme torpe, vai sentir orgulho de pertencer a mesma? Será que a História do povo negro limita-se apenas à escravidão, à servidão, à violência verbal e física e à ignorância? Por que não retratar uma História do negro e da negra que fortaleceram a economia do Brasil por tanto tempo através de sua força nos engenhos e plantações de café? Teria o Brasil se destacado economicamente se por trás de tudo isso não tivesse o povo negro, aquele que muitos os julgam inferiores? Certamente, sem sombra de dúvidas, não!

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família no livro didático e nos demais espaços (...) que esgarçam os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana. (ANDRADE, 2001, p.120).

Se a criança negra, como afirma a autora citada acima, não tiver referências positivas quanto à História de seus antepassados ela vai chegar à fase adulta repudiando a sua identidade e pertencimento cultural. Em sua mente será construído um padrão racial e normativo de que a cor branca é a única que prevalece na estrutura social e a que tem valor e reconhecimento. Independente se é negro ou não negro, ninguém gosta e nem quer ser inferiorizado (a), ainda mais quando essa prática de inferiorização da criança negra vem ocorrendo há tanto tempo. Neste contexto, professores e professoras devem reverter a situação das representações negativas da população negra nos livros didáticos, apontando para a grande influência do povo negro para e na formação da cultura da nossa sociedade brasileira.

Evidenciar que com a chegada da nação negra para o Brasil, estes trouxeram consigo: cultura, costumes, hábitos, danças, músicas, religiosidades, a culinária dentre tantos valores que hoje são inerentes a todos nós.

Outro aspecto importante a ser discutido neste trabalho refere-se aos clássicos da Literatura Infanto-juvenil, bastante utilizados nas escolas, que contemplam personagens como Cinderela, Branca de Neve, Cachinhos Dourados, Rapunzel entre tantas outras com ilustrações que enfatizam a cor branca, olhos azuis ou verdes, os cabelos loiros e traços da feição muito delineados. A criança negra ao folhear estes livros jamais se verá neles.

Como bem sabemos a Literatura Infanto-juvenil é um dos meios de integrar, possibilitar e direcionar as crianças ao mundo da leitura, mas precisa ser uma leitura contextualizada e diversificada que leve as crianças a despertar o verdadeiro gosto e prazer

pela mesma. Geralmente, os autores e autoras que constroem as historinhas infanto- juvenis, enfatizam bastante o modelo eurocêntrico de beleza branca em suas ilustrações, narrações e no próprio contexto da história.

As crianças negras a terem acesso a estes livros, logo percebem as imagens depreciativas do seu povo, simbolizando inferioridade em relação ao branco. As imagens deturpadas do povo negro preenchem a imaginação das crianças levando- as a desprezarem e ao não reconhecimento de sua identidade étnica, devido à representação de papéis de pouco destaque caracterizadas como pobres, feias, incapazes, submissas e mal vestidas.

A representatividade da criança negra nos livros infantis e didáticos ainda é muito caricata no ponto de vista físico, há muito o que ser feito e mudado para a efetiva valorização e destaque de papéis nos enredos das histórias. Dar mais destaque nas histórias contemplando a beleza, as vestimentas e exercendo funções de destaque assim como aquelas de cor branca é o que deve ser feito para garantir a igualdade.

Além das ilustrações lamentáveis, depreciativas, caricatas, animalizadas do ponto de vista da narrativa a personagem negra é descrita exercendo funções sociais consideradas inferiores, sendo estigmatizadas; além disso, aparece como minoria. (SOUSA, 2001, p.195).

Nas narrativas as crianças incorporam os elementos presentes no desenrolar da história e os introduzem em seu cotidiano como uma referência. As princesas loiras e seus príncipes montados a cavalos que aparecem nos livros infantis fazem com que a criança alimente dentro de si o desejo de vivenciar essas situações.

Como a criança negra vai se ver nessas historinhas se em nenhum momento encontra elementos positivos de sua cultura? Precisamos como professores (as) selecionar melhor o que estamos impondo às crianças quanto ao que elas vão ler ou ouvir. A fase da infância é propícia para a formação do Ser que existe na criança e determina muito como ela vai se comportar e interagir no futuro em suas relações sociais quanto ao respeito, aceitação e reconhecimento das diversidades.

A ausência de retratações afrodescendentes e positivas nos livros infantis é uma questão do poder público dar mais atenção e propor a criação de políticas públicas que viabilizem essa inserção de forma concreta e condizente com a diversidade étnico racial.

Quanto mais oferecermos histórias distintas que contemplem personagens negros (as), mas a criança valorizará as suas origens e criará o hábito da leitura.

Atualmente, já temos diversos materiais literários contemplando personagens negros/as nas histórias infantis, algo que devemos adotar como ferramenta de combate ao racismo na sala de aula. Entre eles podemos citar “As tranças de Bintou” de Sylviane A. Diouf, que traz a linda história de uma menina africana e retrata o seu desejo de ter tranças, mas que devido a sua idade e a cultura do seu povo ela tem que se conformar com seus birotos. Os birotos de Bintou representam a inocência da criança e consolidação se seus costumes. Com esta história, podemos levar as crianças o quanto é importante a valorização dos costumes culturais e o respeito por cada fase de nossas vidas. Bintou não podia usar tranças devido ao fato de ser muito jovem as tranças em sua comunidade eram sinônimo de amadurecimento e responsabilidade.

Podemos citar o livro “Ana e Ana” da autora Célia Godoy, que contempla a história de duas irmãs gêmeas. Ana Carolina e Ana Beatriz eram idênticas na aparência, mas diferentes quando se tratava de gostos, cores, atitudes e personalidades. Neste contexto podemos levar à discussão aos alunos quanto o respeito por cada colega independente de cor ou preferências dando ênfase de que as pessoas são iguais enquanto seres humanos e diferentes em suas escolhas e o seu modo de viver na sua comunidade.

Outro livro muito bom e de fácil compreensão que podemos trabalhar com as questões raciais, principalmente quando envolve aspectos dos cabelos das crianças, é “O cabelo de Lelê” da autora Valéria Belém. O livro faz uma abordagem da construção da auto-identificação da criança negra de forma positiva, valorizando as formas e belezas do cabelo crespo.

Citamos ainda “A Ovelha Negra” do autor Bernardo Aibê. Este livro é muito interessante já a contar pelo título que subentende que se trata de uma ovelha má. A ovelha de nome Tita é muito boa e no início da história se questiona bastante por ser a única ovelha negra do rebanho enquanto todas as outras ovelhas são branquinhas. Era uma ovelha muito triste por ser tão negra. Mas no decorrer da história, em uma bela manhã Tita resolve se aceitar como realmente é e passa a gostar de sua cor negra e torna-se uma ovelha alegre chamando à atenção das demais. Podemos constatar ao final da leitura que houve a auto-conscientização e aceitação da ovelha Tita quanto a sua cor. O mais precioso desta história é que não há nenhum tipo de preconceito racial nas falas das ovelhas brancas. O que

predominou inicialmente foi o não reconhecimento de Tita quanto a sua cor. E isso também ocorre na realidade de nossos alunos e alunas negros (as) quando não têm uma referência de positividade racial no seu cotidiano, seja escolar ou social.

Outros livros de cunho literário infanto-juvenil que abordam as questões étnico raciais de maneira a elevar a auto estima da criança negra e seu pertencimento afro descendente são: Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado), Bruna e galinha D' Angola (Gercilga de Almeida), O Filho do Vento (Rogério Andrade Barbosa), O Menino Nito (Sônia Rosa) dentre tantos outros.

Infelizmente, nem todos os (as) professores (as) inserem estas obras e outras que não foram citadas em seu cotidiano escolar. Limitam-se muito aos clássicos da literatura infanto-juvenil que trazem retratações de personagens da supremacia branca, nas melhores posições sociais e sempre menosprezando o negro e a negra nas interpretações de papéis. A criança negra precisa de referências positivas nos livros de literatura e nos livros didáticos para uma efetiva construção de sua identidade, a representação de seu povo nas narrativas textuais e físicas devem conter imagens dignas para se reconhecerem como parte daquela nação.

Sabemos que as construções das personagens negras têm suas implicações, principalmente, na identidade das crianças negras que não se reconhecem e nem se notam nas historinhas infantis, sejam elas de rainhas, reis, príncipes, princesas e heróis. Parte dos profissionais de educação a pesquisa constante do que se trabalhar em sala de aula integrando as especificidades culturais de seus educandos e educandas, impedindo a propagação de situações racistas nesse espaço de construção e reconstrução de conhecimentos e de formação para a vida. Formação esta que implica na abordagem reflexiva e positiva da história do povo negro desde a Antiguidade aos dias atuais que insiste em trazê-la de maneira equivocada e distorcida representando o (a) negro (a) em posições subalternas de servidão e escravização.

Toda e qualquer criança negra no espaço escolar necessita da mediação de seus professores e professoras para elevação de sua auto estima em relação às culturas afro-brasileiras contribuindo para superação de preconceitos e discriminações raciais nesse recinto. Devemos compreender e colocar em prática atitudes de inserção das diversidades raciais no cotidiano das crianças. Termos disponíveis no ambiente escolar, materiais didáticos de boa qualidade e de fácil acesso às crianças que referenciam positivamente as pessoas negras contribuindo para a efetivação de seus direitos à cultura afro-brasileira conforme a Lei 10.639/2003.

A prática do racismo não pode deixar consequências no processo de aprendizagem das crianças negras e não negras. Debater e problematizar constantemente essa temática é uma das formas de combatê-lo com mais eficácia, discutindo a diversidade cultural dos (as) alunos (as) relevando a sua história com orgulho e dignidade.

Outro aspecto importante quanto à questão negra, especialmente as crianças, é o que se refere aos papéis interpretados na televisão e minisséries, onde aparecem como filhos (as) das (os) empregados (as), não são tratados com respeito e moram em bairros periféricos denominados pelos patrões como favelas. Recentemente acompanhamos pelo Sistema Brasileiro de Televisão- SBT a reprise da novela Carrossel com grande audiência de telespectadores de todas as faixas etárias, na qual o personagem chamado Cirilo é interpretado por uma criança negra que além da vida social de extrema pobreza é muito humilhado por uma menina não negra e rica.

Alguém pode argumentar: a realidade do Brasil é assim. Não negros (as) humilham negros (as). Mas perguntamos: E Cirilo tem que ser tão ingênuo e sem atitude de autoestima?

É dessa forma que o racismo se perpetua na sociedade com imposições de não negros (as) sobre os (as) negros (as). Perpetuações essas retratadas nos meios de comunicações que deveriam ser um dos maiores combatentes das práticas racistas. A TV, como bem sabemos, tem o poder de modificar o nosso imaginário através de suas representações padronistas eurocêntricas colocando os menos favorecidos como a população negra em situações de desprezo e inferioridade entre os ditos brancos. As discriminações vivenciadas pelo personagem Cirilo, acreditamos que mexeram de forma negativa com muitas feridas de crianças e adultos que sofreram e continuam sofrendo com o preconceito racial em suas relações sociais e no espaço escolar.

O personagem Cirilo não esboçava defesas verbais nos momentos das práticas racistas, como se isso fosse natural a pessoa negra ficar omissa a tais atos. Não há referência positiva para ser levada na estrutura mental da criança que está assistindo a essas cenas de total submissão e inferiorização da diversidade racial na novela. É uma imagem depreciativa da criança negra que não acrescenta valor algum para a construção da sua identidade étnico-racial.

É muito triste e cruel saber que estão subestimando nas telenovelas a inteligência da criança negra como se ela não fosse capaz de desenvolver funções que a criança de cor clara

desenvolve nas encenações de papéis. As crianças negras têm que aparecer em suas representações numa família composta por mãe, pais, avós, irmãos e irmãs frequentando a escola e ambientes sociais assim como aparecem as crianças não negras.

Na atual novela “Além do Tempo” da Rede Globo de Televisão há o personagem Chico interpretado por uma criança negra órfão de mãe, não sabe ler e nem escrever por nunca ter tido acesso à escola; criado apenas pelo seu pai que também é negro e ex-escravizado, ambos são discriminados pela cor e condição social que vivem. As personagens de cor “branca” direcionam-se ao Chico o chamando de negrinho ou de queimadinho e não permitem que o mesmo seja amigo de seus filhos e filhas o tratando de sujo e sem modos. Com tantas representações distorcidas e inferiorizadas a criança negra jamais terá a sua autoestima elevada. A referência que ela levará para o seu cotidiano é que negros e negras não têm valor.

Não é fácil superar os preconceitos e discriminações existentes entre os segmentos sociais quando os meios de comunicações propagam a idéia de superioridade entre grupos. Muitas pessoas contestam em dizer que a TV Brasileira não é racista, devido ao fato de muitos atores e atrizes negros (as) já exercerem papéis de destaque nas telenovelas. Isso só está ocorrendo, e em pequena escala, tendo em vista os Movimentos da população negra a luta por melhorias e condições igualitárias. Mas a verdade é que negros e negras são representados (as) como sujeitos passivos na maior parte das encenações novelísticas.

Ainda no que se refere à retratação da gente negra na TV brasileira há os comerciais voltados para o lúdico. As bonecas da linha da Barbie representam a beleza eurocêntrica com seus longos cabelos loiros e lisos, olhos azuis, corpo esbelto e bastante magras. Embora já haja a inserção no mercado infantil de bonecas Barbie negras, as peças deixam muito a desejar no quesito das características étnico-raciais. A ausência dos traços faciais da nossa população negra nessas bonecas é um aspecto que precisa ser revisto, pois não contempla a estética da maioria das crianças de origem afro. Além do mais, o preço não é nada atrativo, talvez o seu elevado custo deva-se ao fato de ter poucos clientes para adquirirem tal boneca.

3.2. PROPOSTAS DE SUPERAÇÃO ÀS PRÁTICAS RACISTAS EM SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO.

Combater as práticas racistas não é fácil, precisamos lançar mãos a todos os subsídios teóricos e práticos para impedir a sua propagação no espaço escolar. Para tanto, é necessário a constante leitura das obras de autores que refletem e escrevem sobre a área étnico-racial, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996-LDB, das Diretrizes da Lei 10.639/03, assim como também dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997-PCN's, principalmente dos temas transversais que tratam dessas temáticas a fim de construir um ambiente harmonioso com respeito às diversidades étnico-culturais e ter sempre um caminho a ser seguido no intuito de impedir os atos racistas, principalmente, entre as crianças.

Os (as) profissionais da educação devem e precisam partir de um ensino que aborde em todos os componentes curriculares (História, Geografia, Português, Artes, Ensino Religioso etc) conteúdos que são referenciais para o reconhecimento da história do povo negro africano e o brasileiro objetivando o acesso dos alunos aos mesmos de forma sempre positiva. Nesta perspectiva, afirma Cruz (1989, p. 97-98.)

Os professores devem solicitar aos alunos pesquisas sobre as causas que determinam o subdesenvolvimento dos grupos étnicos (...); Estudar o processo de resistência política e cultural do negro contra a ordem escravocrata (...) destacando heróis negros como Zumbi dos Palmares; Pesquisar a partir da África os grupos que aqui chegaram (...). Estudar a história dos grandes reinos africanos no período que antecede ao tráfico de escravos; Pesquisar os condicionamentos sociais e históricos dos valores estéticos e éticos; Estudar a psicologia dos grupos étnicos dominados (o negro) considerando os complexos de inferioridade, de auto rejeição e de rejeição do outro, causados pela perda de identidade étnica; Estudar a economia, países, povos, etnias e culturas do continente africano; Orientar os alunos a elaborarem redação inspirada em temas sobre o negro; Estudar a importância das línguas africanas no português falado no Brasil; Solicitar trabalhos de pesquisa sobre o negro na literatura brasileira como personagem e autor; Estimular a pesquisa sobre as religiões africanas no Brasil, numa perspectiva anti-etnocentrista e ecumênica (...).

São vários os caminhos metodológicos de como inserir a História e Cultura Afro-Brasileira e da África de maneira positiva em sala de aula tanto para as crianças negras quanto para as não negras. Valorizar as expressões dos alunos e alunas diante de seu entendimento voltado para a sua identidade étnico racial, o que pensam sobre o processo histórico que

vivenciou e vivencia a população negra já é um bom começo para propiciarmos debates e seminários, contribuindo para desmistificar o equívoco de associarmos o negro e a negra à inferioridade.

No decorrer das nossas práticas educativas, precisamos sempre enfatizar em nossos discursos as contribuições do povo negro para a formação da cultura afro brasileira. Professoras e professores devem inserir em seus planejamentos de aula conteúdos que contemplem a diversidade étnico racial das crianças principalmente na educação infantil, onde inicia-se a base educativa de apropriação e (re)construção de conhecimentos, considerando ainda toda a parte física da escola, a disponibilidade de recursos didáticos e o trabalho em equipe com propostas voltadas para um ensino de valorização das diversidades combatendo as práticas racistas conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil-DCNEI's que asseguram “O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação”. (BRASIL, 2010, p. 21).

Nossas crianças precisam ter conhecimento da história do grande líder Zumbi dos Palmares e a sua contribuição para a ascensão do povo negro, abordando em todo o seu contexto as grandes lutas que o mesmo enfrentou para reconhecimento de seu povo e combate aos atos racistas. Infelizmente, muito se vê nas instituições escolares de ensino falar em Zumbi dos Palmares apenas no dia 20 de Novembro, data esta que foi instituída como o Dia Nacional da Consciência Negra trabalhando com diversas atividades (seminários, oficinas, produções de desenhos e pintura, peças teatrais etc) durante a semana que antecede o dia 20.

Trabalhar com temáticas que tragam em seu contexto o processo histórico de como se deu a vinda do povo negro para o Brasil de forma crítica e investigativa a fim de que o (a) aluno (a) sintam-se motivado (a) a pesquisar e, principalmente, se reconhecer como parte constituinte da história. Outra forma de estratégia de combate as práticas racistas é inserir no cotidiano escolar das crianças da Educação Infantil e Fundamental I a história dos reinos africanos, poucas crianças e adultos têm esse conhecimento de que na África havia reis e rainhas. Tenhamos certeza de que temáticas positivas como estas só têm a elevar a autoestima da criança negra e coibir o racismo nos ambientes sociais. Podemos também, trabalhar com aspectos relacionados às religiões de matizes africanas presentes na nossa sociedade e seguidas por crianças negras que por vezes se omitem ao pertencimento devido ao preconceito religioso entre as pessoas.

Para se ter resultados satisfatórios quanto à inserção de conteúdos que contemplem positivamente a história do povo negro e o combate aos atos racistas é necessário trabalharmos em coletividade, ou seja, o trabalho deve ser em parceria com professoras, professores, gestoras, gestores, coordenadoras, coordenadores, alunas, alunos e o pessoal de apoio (administrativos, limpeza, alimentação etc.) dentro de uma perspectiva de igualdade humanitária, tolerância e aceitação racial, religiosa, econômica, social, política e cultural levando em consideração à aprendizagem dos educandos e educandas.

As ações educativas de combate ao racismo requerem atitudes que são pertinentes aos docentes e a pessoas que ocupam cargos administrativos e de coordenação:

A conexão dos objetivos, estratégias de ensino e atividades com a experiência de vida dos alunos e professores, valorizando aprendizagens vinculadas às suas relações com pessoas negras, brancas, mestiças etc. no conjunto da sociedade. A crítica pelos coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, professores, das representações dos negros e de outras minorias nos textos, materiais didáticos, bem como providências para corrigi-la. Condições para professores e alunos pensarem, decidirem, agirem assumindo responsabilidade por relações étnico-raciais positivas, enfrentando e superando discordâncias, conflitos, contestações, valorizando os contrastes as diferenças. Valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura. O cuidado para que se dê um sentido construtivo à participação dos diferentes grupos sociais, étnico-raciais na construção da nação brasileira, aos elos culturais e históricos. Participação de grupos do Movimento Negro, e de grupos culturais negros, bem como da comunidade em que se insere a escola, sob a coordenação dos professores, na elaboração de projetos políticos- pedagógicos que contemplem a diversidade étnico-racial (...). (BRASIL, 2004, p.19-20)

As propostas de combate ao racismo e de superação devem partir sempre de concepções que contemplem as diversidades dentro do contexto didático que será estudado em sala de aula, abordando os aspectos culturais- africanos que originaram a nossa miscigenação.

As crianças enquanto aprendizes necessitam ter conhecimento da sua origem racial e da origem de seus demais colegas para que assim possam conviver com respeito às diferenças e aceitação do “outro” respeitando a cultura em si. Professores e professoras precisam trazer para o espaço educativo temas que tratam da diversidade, das diferentes culturas e povos existentes no Brasil que construiu e continua construindo a nossa história.

Oferecer informações para que a criança possa perceber que existem múltiplas formas de interpretação das origens do universo e da vida, diferentes sistemas de construção do saber que coexistem e podem ser,

muitas vezes, complementares, auxiliará o desenvolvimento de atitudes de diálogo e respeito em relação a culturas distintas daquelas de origem. É uma forma também de se trabalhar a mútua influência e os diferentes níveis de integração que permeiam e entrelaçam diferentes formas de organização social e de expressões culturais. (BRASIL, 1997, P. 55).

Possibilitar e promover a interação entre crianças negras e não negras através de estudos que contemplem a história da população negra no Brasil, valorizando os aspectos positivos desta gente guerreira é fundamental para coibir as práticas do racismo. Em conjunto com o coletivo da escola, com os pais e mães e a comunidade em geral, propiciar palestras não só em datas alusivas ao povo negro, mas também em dias letivos comuns, até porque todo dia é dia do negro, da negra, do não negro e da não negra. Como professoras e professores temos que lançar mãos as mais variadas estratégias possíveis de combate ao racismo na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, tendo em vista, ser uma fase de alicerce educativo na vida da criança.

É importante termos sempre em mente de que o racismo não nasce com a criança, o mesmo é adquirido através das reproduções racistas dos adultos que a cercam, que participam de sua construção enquanto ser social, levando as mesmas a agirem de forma semelhante.

Faz parte do nosso fazer pedagógico, enquanto professores e professoras, promover em sala de aula e em todo o espaço escolar uma convivência democrática entre as crianças de diferentes culturas partindo do respeito e aceitação do outro de forma que não ocorra conflitos em relação a cor da pele. É notável que muitos (as) profissionais ainda persistem em estereotipar alunos e alunas quanto ao seu pertencimento racial, vendo-lhes com inferioridade e menosprezo.

Julgar uma pessoa pela cor da pele é um ato inaceitável e abominável, todos independente da condição racial, social, econômica e religiosa em que se encontra merece o total respeito por parte daqueles que convivem em seu cotidiano escolar, familiar, social, recreativo dentre outros. Ninguém está acima de ninguém quando se trata da diversidade cultural existente na sociedade brasileira, embora muitas pessoas carregam consigo o conceito de superioridade de raças. Em sala de aula é primordial trabalharmos com materiais (livros, revistas, jornais, filmes etc.) que abordem de forma positiva o processo histórico da população negra com o objetivo de elevar a autoestima das crianças que sofreram e sofrem com discriminação racial e que são tachadas com apelidos pejorativos.

É bastante difícil superar as práticas racistas na infância. O preconceito contra alunos (as) negros (as) faz com que episódios racistas e de inferiorização se intensifiquem entre as crianças não negras no espaço escolar. O corpo docente deve estar atento quanto ao preconceito racial no âmbito educativo, preconceito esse carregado de negativismos e estigmatização da pessoa negra. Mas, para tanto, é preciso que os (as) professores (as) saibam o significado da palavra Preconceito para poder identificar o ato racista e impedir a sua propagação.

Preconceito é uma opinião pré- estabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade, tornando- se uma espécie de mediador de todas as relações humanas. Ele pode ser definido, também, como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. (SANT'ANA, 2005, p. 62).

Como vemos, o preconceito é imposto pelo meio em que vivemos, dentre ele, o meio educativo. Partindo da perspectiva de que os atos de preconceito racial sejam eles esporádicos ou corriqueiros, o combate das práticas racistas em sala de aula é um grande desafio da atualidade para nós que somos professores (as) e educadores (as).

Conforme os episódios das práticas racistas ocorrem somos co- participantes dos conflitos e hostilidades entre alunos e alunas na tentativa de impedir os enfrentamentos e divergências que atingem as crianças não negras dentro da sala de aula. São momentos críticos em que devemos contornar a situação para desconstruir essa imagem negativa que as pessoas têm do povo negro.

Ainda em relação ao combate às práticas racistas em sala de aula, os (as) profissionais da educação têm um excelente instrumento que são os PCN's, mas precisamente, os Temas Transversais, que podem e devem ser utilizados no currículo escolar, pois apresenta conteúdo riquíssimo, a exemplo do de Geografia e História que traz: "África, berço da humanidade, complexa organização socioeconômica e política no período pré- colonial, culturas milenares e choque da mercantilização da escravidão, demandas e conquistas contemporâneas". (BRASIL, 1997, p. 52).

É um conteúdo abrangente com diversas possibilidades para ser inserido e trabalhado na sala de aula, proporcionando aos alunos e alunas o acesso ao reconhecimento do

Continente Africano e suas contribuições enquanto berço civilizador da humanidade para a formação da nossa sociedade brasileira.

Quanto às trajetórias das etnias no Brasil, em especial as africanas, podemos inserir no cotidiano escolar e de forma interdisciplinar os seguintes conteúdos e temáticas:

Africanos trazidos para o Brasil, escravizados, a violência da privação da escolha de ficar em seu continente de origem, distinta de todas as formas de imigração, tráfico e sistema escravista nas diferentes regiões do Brasil. Movimentos contra a escravidão, desenvolvidos pelos próprios africanos e seus descendentes no cativeiro (...). Rebeliões, revoltas, fugas e resistência organizada dos negros escravizados; quilombos como resistência sistemática e alternativa de organização econômica; Quilombo de Palmares, vivência democrática de pluralidade, símbolo de luta. Movimentos abolicionistas. Fim do escravismo, discriminação e exclusão dos afrodescendentes da vida social e econômica até os dias atuais. (...). Diversidade religiosa e cultural ampla, trazida pelos imigrantes, nem sempre bem recebida pelo sistema dominante, em épocas de nacionalismo exacerbado e aculturação imposta (...). (BRASIL, 1997, pp. 52-53).

No contexto da situação atual dos afrodescendentes podemos inserir ainda tais conteúdos citados abaixo de forma conjunta as demais áreas do saber, não limitando apenas aos componentes de Geografia e História.

Conhecimento da situação populacional no Brasil; respeito e valorização das diversas manifestações das diversidades. Conhecimento e valorização das características populacionais da região da escola, com relação às influências culturais (...). Associações voltadas para atividades culturais vinculadas a raízes, movimentos raciais/étnicos atuando em campo sociopolítico, no reconhecimento, na conquista e na consolidação de direitos civis e culturais específicos. Valorização das próprias origens nos diferentes grupos. Atitude crítica em relação às injustiças cometidas no passado, repercutindo no presente. Atitude de repúdio a todo estereótipo estigmatizador de indivíduos e grupos. (...). Reconhecimento de que se vive tempos de consolidação de direitos já reconhecidos e estabelecidos na Constituição Federal e no sistema legislativo como um todo, responsabilidades do Estado e da sociedade nesse processo. Repúdio a estereótipos dos diferentes grupos étnicos e culturais que compõem a sociedade brasileira, em particular quanto a seu papel histórico e social. (BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, 1997, p. 53-54).

A diversidade de conteúdos e temáticas que tratam da questão dos afrodescendentes, a história do povo negro como um todo, é ampla e rica de reconhecimento das lutas e conquistas por direitos igualitários e implica na vontade e querer dos professores e professoras em inseri-los nos componentes curriculares em sala de aula. A Lei 10.639/03 existe e deve ser

efetivamente cumprida na esfera educativa de forma prática, principalmente, levando aos (as) alunos (as) a nossa verdadeira história que nos é perpassada de forma omissa e equivocada

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ocorrências de práticas racistas em sala de aula existem sim, apesar de termos consciência de que as crianças não nascem com esse impulso e desejo de cometer tal ato que destrói sonhos de quem é acometido (a) por esta abominável prática.

Os motivos dessa espécie (prática de racismo) aos quais presenciei me levaram a escolher esta temática de forma a contribuir a partir de estudos bibliográficos e observações enquanto docente da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, com algumas sugestões de como seria possível combater e impedir os episódios racistas contra as crianças negras em pleno processo de aprendizagem, construção e reconstrução de conhecimentos, que em hipótese alguma podem anular a sua origem e identidade étnico racial.

Abordar temas como esses tem sua importância à medida que outros (as) discentes de Graduação ou Pós-Graduação se interessem ou necessitem de consultas sobre um trabalho deste cunho além de como agir no combate aos conflitos e prática racistas de aversão a pessoas negras no âmbito escolar. Independente do recorte social a situação da criança negra e do povo negro em geral, em relação aos não negros e não negras, ainda é de uma vasta desvantagem que se manifesta em diversas práticas de racismo no cotidiano escolar. É necessária uma pedagogia que valorize as diversidades étnicas, raciais, sociais, religiosas e culturais das crianças na nossa sociedade contemporânea que tende muito a valorizar as pessoas que se enquadram nos padrões estéticos eurocêntricos.

Temos ao nosso dispor um instrumento de grande valor (PCN's) para ser aplicado em sala de aula através de conteúdos que abordam todo o processo histórico dos afrodescendentes até a contemporaneidade de forma interdisciplinar com todas as áreas do saber.

Diante dos estereótipos ditados pela sociedade denominada “branca”, as crianças negras em formação escolar demonstram uma certa inquietude frente ao prestígio oferecido as crianças não negras. Nota-se que a criança negra busca anular as suas próprias origens para ser aceita no grupo.

Nos livros didáticos, na literatura infanto-juvenil e na mídia, percebe-se que o povo negro quase sempre é retratado de forma rude e preconceituosa com apelidos depreciativos fazendo com que a criança negra não se veja de forma positiva. Atualmente já podemos encontrar lindas historinhas infanto-juvenis de autores e autoras que enaltecem as personagens negras em seu contexto, a exemplo de: As Tranças de Bintou (Sylviane), A Ovelha Negra

(Bernardo Aibê), O Cabelo de Lelê (Valéria Belém), Ana e Ana (Célia Godoy), O Filho do Vento (Rogério Andrade), Bruna e a Galinha D'Angola (Gercilda de Almeida), Menina Bonita do Laço de Fita (Ana Maria Machado) dentre tantos outros.

Negar a existência do racismo em sala de aula é como negar a existência de Leis e Políticas Públicas voltadas para a população negra. Se o racismo não existisse não haveria a necessidade e obrigação de se criar e aplicar tais leis.

É dever, não só da escola, mas de todos os envolvidos no processo educativo das crianças negras e não negras promover a integração, aceitação, respeito, reconhecimento e tolerância às diversidades raciais, sociais, culturais, religiosas e de gênero, partindo da perspectiva de que somos iguais enquanto ser social, mas diferentes quanto a pluralidade étnica e demais segmentos acima citados.

Em relação às manifestações raciais cometidas por crianças, não podemos categoricamente dizer que elas são racistas, mas sim que elas estão reproduzindo aquilo que os adultos preconceituosos expressam quanto à pessoa negra. Temos um trabalho de longo prazo no combate ao racismo, de conscientização das diversidades e do amor e respeito ao próximo independente da cor de pele.

REFERÊNCIAS

AIBÊ, Bernardo. **A Ovelha negra**. São Paulo: Mercuryo, 2011.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a autoestima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2011, p. 120.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

BRASIL.Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana**. Brasília, 2004.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2010, p. 21.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural**. Brasília, 1997, pp. 39-55.

CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CRUZ, Manoel de Almeida. **Alternativas para combater o racismo segundo a pedagogia interétnica**. Salvador: Núcleo Cultural Afro Brasileiro, 1989.

DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez, 1989. (Coleção Polêmica do Nosso Tempo; v. 33).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GODOY, Célia. **Ana e Ana**. São Paulo: DLC.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Ática, 2000.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. Histórias e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ed. Brasília, 2005, pp. 39-66.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A questão do negro na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1990.

SOUSA, Andréia Lisboa de. Personagens negros na Literatura Infanto-Juvenil: Rompendo estereótipos. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.